

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte

O Dia

Class.:

20

Data

19/04/81

Pg.:

Peças descobertas no mato, agora

## CARRO DE RONDON, MOTIVO DE ADORAÇÃO DOS ÍNDIOS

BRASILIA (AGS) — O dia 5 de maio assinala o aniversário de nascimento do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, o grande desbravador dos sertões brasileiros e homem que tinha pelos índios verdadeira devoção, chegando mesmo a considerá-lo como um indistutível dono da terra e, conseqüentemente um dos estelios da nacionalidade. Quando no desbravamento dos sertões, estendendo e fixando linhas telegráficas, Rondon procurava atraí-los com um paciente trabalho de persuasão, a ponto de tornar-se célebre a frase «Morrer se Preciso for, Matar Nunca».

O trabalho de Rondon na sua obra de pioneirismo e integração, levou o Exército brasileiro, em honra de sua memória, a considerar a data de seu nascimento como o dia da Arma de Comunicações.

O Projeto Rondon, que congrega universitários de todos os pontos do País, executa anualmente um intenso trabalho de assistência médica e social a todos os brasileiros que vivem nos

mais distantes rincões do País.

### AUTOMÓVEL DE RONDON

O Projeto Rondon vai comemorar a data com uma exposição onde estarão reunidos vários objetos que pertenceram ao grande brasileiro. Da exposição vai constar uma peça do automóvel usado por Rondon, em 1909, nas suas incursões pelos sertões brasileiros. A peça foi recentemente descoberta num dos contrafortes da Chapada dos Parecis, em Mato Grosso.

O antropólogo Célio Horst que é um dos grandes colecionadores brasileiros de objetos raros, teve conhecimento de que, nas proximidades daquela chapada, encontrava-se uma das peças do automóvel que pertencerá a Rondon. Imediatamente seguiu para o local.

Célio Horst, que é funcionário da Funai, frisou que o órgão alimentava a necessidade de demarcar a área indígena da Chapada dos Parecis que estava sendo invadida por posseiros, alijando os índios das terras que realmente a eles pertenciam. Horst frisou que inicialmente a tarefa não foi das mais

fáceis. Os índios se mostravam arredios e desconfiados porque já tinha tido alguns problemas anteriores com posseiros. Mas um trabalho paciente permitiu uma boa aproximação com os silvicultas, que sentiram que Horst e seus companheiros pretendiam realizar um trabalho sério e sem prejuízo para os habitantes da área. Certos de que não estavam sofrendo qualquer trabalho de pressão, os índios passaram a colaborar e mostraram o ponto por onde antigamente passavam as linhas telegráficas implantadas por Rondon. E sempre que falavam no nome do grande brasileiro os próprios índios deixavam antever alegria e sinal de respeito.

### ÍNDIOS RECORDAM

Horst foi cientificado dos locais por onde passavam através das picadas para a fixação de postos avançados. Em dado momento os índios fizeram referência a um automóvel que penetrara na área e que havia pertencido a Rondon. O carro, em face da natureza do terreno, sofrera avarias e, segundo os próprios índios, algumas peças do automóvel haviam sido abandonadas e enterradas em um ponto distante trinta quilômetros da aldeia indígena.

«Passados alguns dias, acentuou Horst, guiado pelo índio João Oluizamainaré, que na época contava 84 anos de idade. Mé dirigi para o local onde poderia estar a peça do carro de Rondon. Adiantou que o índio, usando de «técnicas» comuns à sua gente, fixou os olhos num pau queimado e apontou com exatidão o ponto em que estava a peça do carro.

Horst disse que inicialmente não acreditara muito na informação de Oluizamainaré, mas por desercargo de consciência resolvera cavar a terra justamente no local apontado pelo índio. Grande fora seu espanto ao encontrar exatamente no ponto indicado a tão cobiçada peça.

Frisou, ainda, Horst, que as demais peças do carro permanecem no local, pois construíam objeto de adoração dos índios. Dá a dificuldades em transportá-las para Brasília. Horst ainda ponderou que seu intento era o de levar tanto aquela quanto as demais para o Museu do Índio ou para a Fundação Projeto Rondon.

Embora tivessem os índios aceitado em parte as ponderações, havia dificuldades em transportar as peças, uma vez que estavam utilizando apenas um pequeno avião monomotor e o peso dos objetos não permitia o transporte.

Finalmente, Horst disse que o único jeito era deixá-las com os índios e pedir-lhes que as enviassem para a Delegacia Regional da Funai. Mas dois dias depois, em Cuiabá, recebeu a peça intacta, inclusive que na embalagem estava escrita a palavra «frágil».

A peça foi mandada para Brasília e entregue, como doação, à Fundação Rondon. No dia 5 de maio próximo, na sede do projeto, além da inauguração de um «poster» de Rondon, haverá a apresentação da peça.